

## 6.

### **Considerações Finais: Longe de fechar-se uma porta, abrem-se várias janelas**

“Ao nascer o indivíduo ganha asas, asas invisíveis, que lhe dão o poder de voar, desbravando novos horizontes e alçando novos ares. Desbravar-se nessa aventura ou permanecer imóvel é opção de cada pessoa humana.”

(Angela Lório)

Aqui, não se encerra essa investigação, mas inicia-se um conjunto de questionamentos acerca da profissão docente neste tipo de instituição, uma rede privada de ensino destinada à *nova classe média* da sociedade brasileira.

Desbravar novos horizontes, problematizando o processo de socialização docente e o desenvolvimento profissional das professoras do Colégio Nómos foi o objetivo inicial deste trabalho, que se encerra de modo nada conclusivo.

A permanência na Sala de Professores, em alguns momentos marcada pelas ausências, mas também alimentada pelas presenças, pelas narrativas, pelos discursos (FOUCAULT), o encontro com esses agentes, os almoços coletivos, os afetos compartilhados, os desabaços emocionados. Todos esses elementos traduzem a intensidade dessa experiência, e o quanto foi socializadora e importante em minha trajetória.

Posso inclusive afirmar, transformadora! Embora solitária, sob a perspectiva analítica, pois não houve interlocutores para dialogar sobre a realidade observada. Mas rica, pela possibilidade de dialogar com diferentes autores, nas mais diversas perspectivas, que me auxiliaram em minhas análises, iluminaram algumas percepções, e transformaram meus pressupostos e algumas de minhas convicções. Por isso, mais que uma experiência acadêmica, é também uma experiência humana, um processo de transmutação.

Quando iniciei esta investigação tinha algumas hipóteses, que foram sendo pouco a pouco desconstruídas. Na mesma medida nasciam novas perguntas, que permanecem sem respostas, pois não há tempo hábil para prosseguir na investigação.

Minha hipótese inicial era que a Sala de Professores é *lócus* de socialização docente e desenvolvimento profissional, o que não se confirmou ao longo da investigação.

As novas perguntas, ainda em fase embrionária, suscitam uma investigação mais abrangente em outras unidades dessa rede privada de ensino:

- Quais estruturas permanecem e quais se modificam em outras unidades da rede privada?

- Os dispositivos de regulação e controle se evidenciam em outras unidades? Existe uma efetiva socialização e desenvolvimento profissionais em outros colégios da rede?

- Como se estabelece nestes colégios a interação entre pares, na perspectiva da união ou da competição?

- Como se articulam os professores em relação aos dispositivos de controle e regulação em outros colégios dessa mesma rede?

Quem sabe agora, iniciando meu doutoramento, possa responder a essas questões numa nova investigação em outros estabelecimentos de ensino, desta mesma rede privada, e desvelar de uma forma mais abrangente as interfaces dessa instituição, ainda pouco explorada.

A necessidade de explorar de uma forma mais abrangente este campo de pesquisa se justifica pela escassez de pesquisas sobre esse objeto de estudo. Visto que, de um modo geral, os trabalhos desenvolvidos sobre instituições privadas de ensino têm se voltado a explorar a escolarização das elites.

A socialização não se processa num terreno neutro, assim como a aprendizagem profissional não se limita ao tempo de formação, nem à atividade desenvolvida, mas como afirmam Tardif e Raymond (2000, p. 224), “cobre também a existência pessoal dos professores, os quais, de um certo modo, aprenderam seu ofício antes de iniciá-lo”, ainda na infância, como alunos nos bancos escolares.

Dizer que não existe socialização é uma falácia, pois o processo de socialização permeia toda a nossa existência, somos protagonistas de nossa história, uma história construída a partir de nossa trajetória, nas distintas socializações, em distintos espaços sociais. Mas é necessário questionar, a qualidade da socialização que protagonizam essas professoras. Como estão construindo sua identidade profissional num estabelecimento que as priva do poder de autonomia e da capacidade de criação?

Como afirmam Tardif e Raymond, “compreender os saberes dos professores é compreender, portanto, sua evolução e suas transformações e sedimentações sucessivas ao longo da história de vida e de uma carreira; história e carreira que remetem a várias camadas de socialização e de recomeços.” (2000, p. 237)

Essas professoras, neste estabelecimento de ensino, não estão construindo uma carreira, o colégio não oportuniza este desenvolvimento profissional, elas se limitam a exercer o ofício, um trabalho que responde às exigências e imposições contratuais.

Contrariando o pressuposto desses autores, a trajetória dessas professoras é marcada por um processo de permanente submissão às regras e aos dispositivos institucionais, e constrangimentos que as impedem de desenvolver um trabalho mais criativo e autônomo. Um custo muito alto, que elas arcam, pela necessidade de sobrevivência e pelo restrito campo de possibilidades profissionais que experimentam como docentes.

A identidade está sendo construída, a socialização se estabelece, mas sob quais condições?

A socialização que se estabelece nas teias dessa rede, teia porque implica um emaranhado de dispositivos regulatórios, se processa através da imputação de disposições de caráter coercitivo.

As professoras introjetaram um código de conduta que as permite aceitar as regras do jogo, que lhes permite criar disposições de ação e reação aos dispositivos impostos. Para Pérez-Gómez, “[...] aprendemos logo que reproduzir papéis, métodos e estilos habituais é a melhor estratégia para evitar problemas e conflitos com os colegas e os agentes externos: família e administração.” (2001, p. 165)

Nesta perspectiva, as professoras perpetuam e mantêm a cultura institucional deste estabelecimento de ensino. Talvez, essa adaptação oculte um dispositivo de defesa, na tentativa de minimizar conflitos e indisposições coletivas.

O percurso profissional dessas professoras não otimiza espaços de autonomia e criação, ao contrário, impõe rotinas, controle e regulação, numa prática vigiada e subordinada a uma metodologia prescritiva, apoiada no uso dos manuais pedagógicos.

Se considerarmos os aspectos pessoais, de formação e trajetória, impactados pelos dispositivos regulatórios da rede, podemos evidenciar que essas professoras se movem num campo de possibilidades muito restrito e de acordo com os recursos que dispõem.

Ao traçar o perfil da rede privada de ensino e da sua estrutura didático-pedagógica, podemos evidenciar de forma mais contundente os motivos que subjazem a ausência de uma socialização verdadeiramente profissional, pois evidenciamos que a forma como as relações se estabelecem no espaço escolar é reflexo do modelo institucional prescrito e prescritivo pela/da rede.

Nesse processo fica evidenciado o desprestígio e desvalorização institucional do professor. Um profissional que está desconectado dos saberes da profissão, de suas certezas, excluído das decisões sobre seu trabalho e destituído da possibilidade de reflexão sobre suas práticas.

Um profissional, certamente, fragmentado. Essa cultura institucional performática afeta profundamente a percepção que o indivíduo tem de si mesmo e do próprio valor, e altera a forma como as relações se estabelecem no interior da instituição, estimulando o individualismo e a competitividade.

Essas professoras estão tão imbricadas nesta engrenagem que não conseguem se distanciar do contexto para ter uma visão da situação, de uma forma mais complexa e abrangente, nem dispõem de outros elementos para traçar novas linhas de ação para transformar a cultura escolar da instituição na qual estão submetidas.

Acreditando que a transformação do mundo social, exige, inicialmente, uma transformação interna, subjetiva, fruto do conhecimento e de saudáveis interações sociais, como seres relacionais que somos, encerro este trabalho concordando com a afirmação de Canário (1997, p. 18):

[...] a minha defesa da revalorização da experiência na formação profissional dos professores não pode ser confundida com a defesa da aprendizagem como um mero processo de continuidade, em relação à experiência anterior. Valorizar a experiência significa, sobretudo, aprender a aprender com a experiência o que, frequentemente só é possível a partir da crítica e da ruptura com essa experiência. **Aprender com a experiência não pode então ser sinónimo de imitação, mas sim de uma acção em que o prático se torna um investigador no contexto da prática.**

(Grifo da autora)